

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

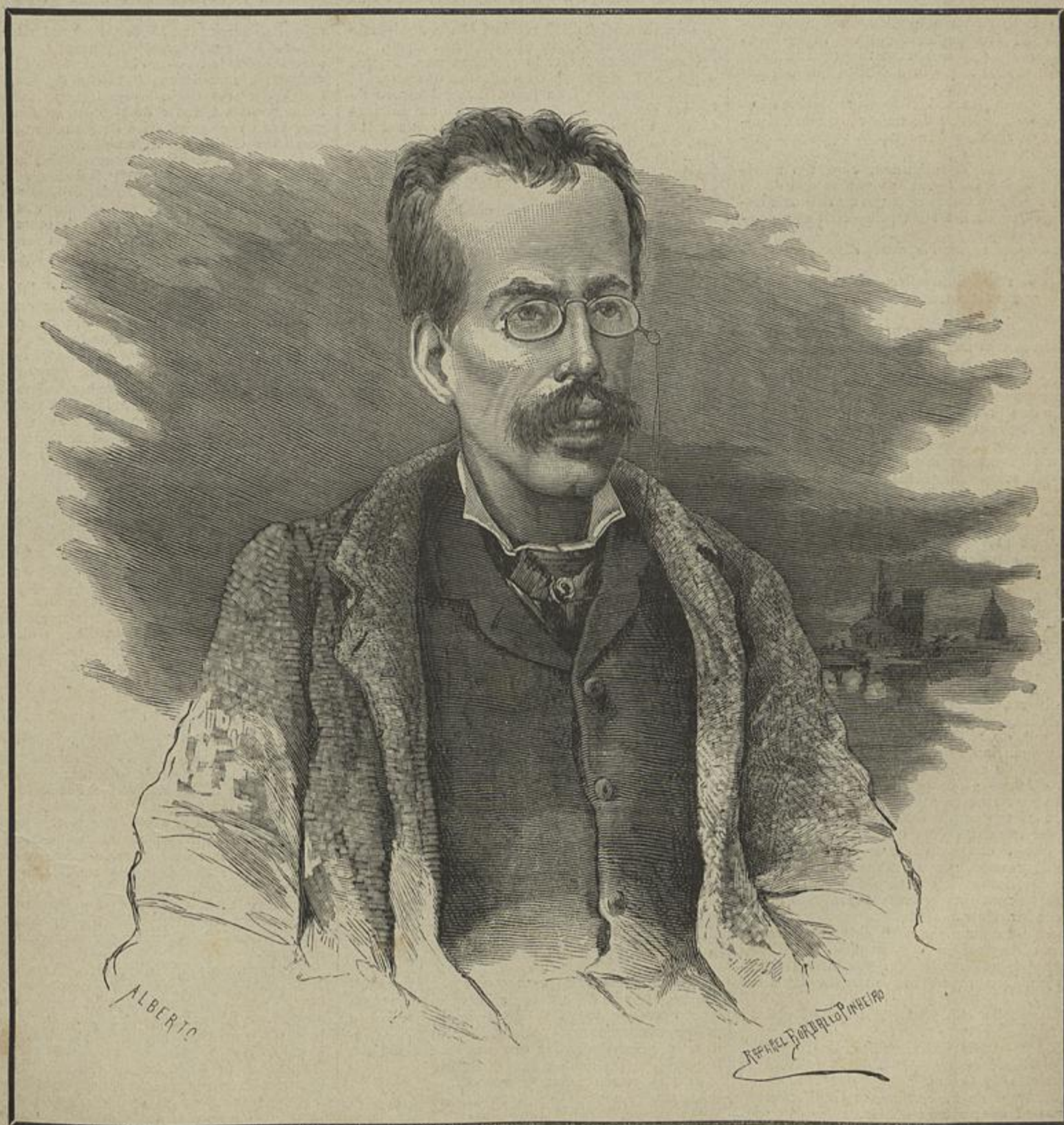
Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-5-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-5-	-5-
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-

5.º ANNO — VOLUME V — N.º 121

1 DE MAIO 1882

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.



GUILHERME D'AZEVEDO — Fallecido em Paris no dia 6 de Abril de 1882
(Desenho original de R. Bordallo Pinheiro)

SUMMARIO

TEXTO. — Guilherme d'Azevedo no «Diário da Manhã», PINHEIRO CHAGAS — Guilherme d'Azevedo, GERVASIO LOBATO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — O Nosso supplemento — As Nossas Gravuras — Plano inclinado funicular no Monte do Bom Jesus subúrbios de Braga, R. M.

GRAVURAS. — Guilherme d'Azevedo — O quarto de Guilherme d'Azevedo, em Paris — Enterro de Guilherme d'Azevedo — Uma carta autographa de Guilherme d'Azevedo — Bom Jesus do Monte, em Braga, Elevador mechanico destinado ao transporte dos visitantes do santuario, vista de frente, vista de perfil, inaugurado em 25 de Março de 1882 — No Alentejo — Enigma — Supplemento, Jesus Christo no Tumulo, quadro de J. Victorino Ribeiro.

GUILHERME D'AZEVEDO

NO DIARIO DA MANHÃ

Fundára-se em 1875 em Lisboa um jornal intitulado, se me não engano, a *Gazeta do Dia*, dirigia-o Ernesto Biester, e Guilherme d'Azevedo escrevia nas suas columnas umas notas humorísticas, que chamavam a attenção publica. Uma noite, ao passar pelo Chiado, encontrei Ernesto Biester acompanhado por um rapaz enfiado e pallido, que se encostava a uma bengala, disfarçando quanto podia o defeito que o equiparava a lord Byron.

— Guilherme d'Azevedo! disse-me o pobre Biester lá da extremidade de uma comprida boquiha em que acabava de metter o vigessimo charuto do dia.

O apresentado estendeu-me, com um movimento exquisito do braço, as pontas dos dedos da mão direita, e ouviu com um sorriso os complimentos que eu lhe fazia pelas suas notas alegres da *Gazeta*.

— Fazem-se umas *blagues!* respondeu Guilherme.

E seguio, acompanhando com uns saltinhos de cigarra o passo indolente e desmanchado de Ernesto Biester.

Se accrescentarmos a esta inauguração de relações um pouco fria a lembrança de um duello de morte que se travára entre a *Lanterna Magica*, jornal em que Guilherme d'Azevedo escrevera também, e a *Discussão*, que foi o primeiro titulo que teve o *Diário da Manhã*, não parecia que estivessemos predestinados para nos ligarmos em estreitas e cordeas relações.

Pois não succedeu assim! Mezes depois Guilherme d'Azevedo frequentava com assiduidade o escriptorio do *Diário da Manhã*; eu inaugurára uma secção humorística intitulada *Cartas de um mascarado* com a assignatura de cavalheiro d'Eon, que me parecera a mais propria para o pseudonymo poder servir a escriptores e a escriptoras. Só appareceram contudo dois folhetins: um meu, outro, se me não engano, da nossa eminente escriptora, a sr.^a D. Anna Ribeiro de Sá. Guilherme d'Azevedo propoz uma modificação na secção. Estavam então em moda umas céga-réguas infernaes, cujo zunido se mettia pelos ouvidos, e que se chamavam *cris-cris*. Foi esse o titulo que Guilherme d'Azevedo propoz, a assignatura *Mascara de seda*; e elle mesmo fez o prologo.

Se o publico se divertio com essa secção, nós não nos divertimos menos. Ainda me heide dar ao trabalho de separar os que pertencem a Guilherme d'Azevedo dos que me pertencem a mim e dos que pertencem a Urbano de Castro. Este escreveu só um ou dois, parece-me.

Não me eximo a contar n'este ponto uma anedocta, que é extremamente honrosa para Guilherme d'Azevedo, porque mostra que a sua alma era perfeitamente generosa e lavada de sentimentos baixos e mesquinhos. Contou-m'a elle mesmo, a rir, a rir...

Vinha no caminho de ferro de Santarem para Lisboa em companhia de um amigo de Almeirim. Este elogiou-lhe os *cris-cris*, Guilherme d'Azevedo agradeceu pela parte que lhe cabia no elogio.

— Pois aquelle *cri-cri* a respeito do Avelino! E' seu?

— Não, respondia Guilherme, é de F.

— E aquelle a respeito do *Diário de Noticias* e da questão do Oriente?

— Também é de F., continuava Guilherme.

— Se você visse a cara do G. contava-me depois Guilherme a rir muito sinceramente.

Fôra perfeitamente um acaso que dera logar a essa scena, que poderia ferir um espirito menos generoso e menos consciente da sua supe-

rioridade do que o de Guilherme d'Azevedo, fôra um acaso, porque os *cris-cris* de Guilherme d'Azevedo eram dos melhores que saiam no *Diário da Manhã*.

Mas, se estes *cris-cris* se podem colleccionar ainda, se as *Cartas de um Birman* se podem reproduzir n'um livro, quantas perolas de graça ficaram perdidas n'este esbanjamento da noticia diaria, a que o jornalismo condemna os nossos mais finos espiritos!

Guilherme de Azevedo chegava ao modesto escriptorio da rua dos Calafates, onde se accumulava a redacção, a administração e a revisão do *Diário da Manhã*, onde estrugiam muitas vezes até altas horas da noite as mais formidáveis discussões. Uma vez creio que pararam as patrulhas. Eramos nós, Guerra Junqueiro e eu, que tropejavamos um contra o outro a proposito de uma questão litteraria qualquer, enquanto Guilherme de Azevedo ria silenciosamente como o Nathaniel Bempo de Cooper, e enquanto Gervasio Lobato pedia a um santo administrador que nós tínhamos então, e que era a um tempo miguelista, homœopatha e leitor de livros de poesias, uma receita para a garganta.

Guilherme de Azevedo entrava, sentava-se. Estavam já em cima da meza as noticias enviadas pelo informador, e a que se tratava de dar forma e feição.

— Guilherme, dizia Gervasio Lobato, aqui estão casos interessantes que exigem a tua prosa.

Guilherme de Azevedo repellia energicamente o papelinho azul que Gervasio lhe estendia.

— Não escrevo uma linha. Estou á espera do Guerra Junqueiro. Urbano faz isso n'um momento. Seu Urbano, querem-se umas *blagues* sobre este caso sentimental.

— Eu não faço *blagues* sobre tragedias intimas, dizia Urbano com uns grandes ares românticos.

Ha dores no mundo que não tem allivio,
Intimos prantos que ninguem sondou

Levantava-se um clamor indignado, e o administrador approximava-se para ouvir os versos.

— Ó Gervasio, faça você isso, intervinha eu.

— Não, palavra de honra. Isto commove-me, depois de jantar.

Andava o papelinho de mão em mão, até que Guilherme de Azevedo se resignava. Começava a escrever, com dificuldade, curvado sobre o papel, desenhando a palavra.

Afinal dizia:

— Cá está uma coisa.

Pegava no papel com a mão esquerda, unia o dedo pollegar e o indicador da mão direita, revirando a palma da mão para fóra, e gesticulava com uns movimentos rectilíneos, lendo com umas inflexões comicas inimitaveis o que acabava de escrever. Rebentavam as gargalhadas. Lembra-me ainda hoje de uma pequena noticia que era um poema heroe-comico. Tratava-se de narrar o caso de uma lavadeira que aqui em Lisboa roubara a roupa ao principe de Monaco. O que Guilherme de Azevedo fez com estes elementos!... Vão lá agora procurar nos treze grossos volumes do *Diário da Manhã* esta joia do mais scintillante chiste. Maldito jornalismo!

Ao recordar, perante este tumulto entre-aberto, estas scenas alegres, sobem-me as lagrimas do coração aos olhos. D'esse grupo folgazão e brilhante, que eu tive a gloria de reunir no *Diário da Manhã*, é Guilherme de Azevedo o primeiro que desaparece da vida: os outros estão em grande parte dispersos pelos acasos da existencia; mas todos de certo, ao lerem estas linhas escriptas ao correr da penna, hão de sentir a commoção que eu sinto, recordando n'esta hora de tristeza essas horas de desaffogado jubilo, e lembrando-se de que nunca mais... nunca mais tornaremos a vêr esse brilhante camarada, a escutar as saidas d'esse scintillante espirito!

Pinheiro Chagas.

GUILHERME D'AZEVEDO

Quando o publico começou a conhecer Guilherme d'Azevedo e a sua reputação começou a tomar grande vulto, de ha muito já que o seu nome era muito apreciado pelos homens de letras e pelos dedicados que seguem com amor o movimento litterario contemporaneo.

A *Lanterna Magica*, uma scintillante publicação satyrica em que Guilherme d'Azevedo, Guerra Junqueiro e Raphael Bordallo espalhavam prodigamente os thesouros da sua *verve* riquissima, principiou a pôr em evidencia, para a grande massa do publico, o talento original, petulante, do poeta da *Alma nova*.

Depois os *zigs-zags* da *Gazeta do Dia*, com a sua forma nova, excentrica, essencialmente litteraria, com o seu humorismo por vezes caustico mas sempre brilhante e original, collocaram Guilherme d'Azevedo n'um lugar a parte no jornalismo portuguez.

Os *zigs-zigs* foram uma novidade, foram a ressurreição da velha chronica, com uma *toilette* moderna, original. Esses *zigs-zigs* eram a critica alegre feita por uns processos novos, em que o dito faiscava imprevisito d'uns contrastes extravagantes, pittorescos, inesperados, eram o bom senso fustigando, com umas gargalhadas estranhas, os ridiculos de cada dia, eram em summa a philosophia alegre da historia contemporanea.

A *Gazeta do Dia*, fundara-se com uma novidade de que os editores esperavam tirar mundos e fundos:—o premio diario ao comprador e ao annunciante, innovação importada de Hespanha: essa novidade porém falhou completamente, o comprador nunca tomou o jornal por uma cautella, e no fim de contas a grande novidade á *sensation* da *Gazeta do Dia*, foram os *zigs-zags* de Guilherme d'Azevedo.

Foi por esse tempo que começámos a conhecer esse bom e querido rapaz que dorme hoje o grande somno n'um cemiterio de Paris.

Dirigia o novo jornal o pobre Ernesto Biester, que filho querido da velha escola, tinha a rara habilidade de se dar bem com todos os rapazes, e viver, com elles na mais perfeita e alegre intimidade,—um bello coração e um excellento companheiro, o infeliz Biester!—um dos redactores era o Sousa Bastos, esse eterno bohemio das letras e do theatro, que está hoje ganhando e gastando rios de dinheiro no Brazil, outro era Guilherme d'Azevedo.

A's noites encontravamos-nos todos ali: Guilherme d'Azevedo fóra da intimidade era de poucas palavras: ouvia, ouvia, e depois vinha o commentario ao facto que se discutia, n'uma phrase secca, ás vezes paradoxal, outras vezes do mais profundo bom senso, mas sempre extraordinariamente comica, que fazia logo rebentar gargalhadas.

Era pouco expansivo Guilherme d'Azevedo, difficil em estreitar relações, em fazer amigos; para quem o não conhecia era ao principio pouco sympathico, mas lidando com elle tres dias era impossivel fugir-se á fascinação d'aquelle espirito scintillante, d'aquelle talento formosissimo, d'aquelle caracter honradissimo e leal.

Das nossas relações travadas ali, ás noites, na mesa de redacção, nasceu uma amizade séria, profunda, inalteravel, que hoje nos punge cruelmente com todas as amarguras da saudade que não morre, da recordação que não se extingue, do pesar que não tem consolo.

D'então para cá acompanhámos sempre Guilherme d'Azevedo na sua vida de *flaneur* e de jornalista, apreciámos dia a dia as qualidades excepcionaes do seu caracter e do seu talento, e acompanhámos-o á *gare* de Santa Apollonia, quando elle partiu para Paris, alegres por vermos que Guilherme ia por fim realizar um dos seus sonhos mais queridos, viver em Paris, e mal sabendo que nos despediamos d'elle para sempre, que esse bota fóra, seria para nós o enterro de Guilherme d'Azevedo.

Os *zigs-zags* da *Gazeta do Dia*, denunciaram a Portugal a existencia d'uma nova e poderosa individualidade litteraria, que trazia para o jornalismo uma feição artistica, moderna e inteiramente nova entre nós.

A *Gazeta* porém viveu pouco tempo, mas a obra de Guilherme d'Azevedo sobreviveu-lhe, e o grande humorista continuou-a brilhantemente, com maior nomeada ainda, no *Diário da Manhã* onde os seus esplendidos *cris-cris*, fizeram epocha, e onde as *cartas d'um Birman* ficarão eternamente como um modelo de humorismo delicadissimo, de finissima *verve* essencialmente litteraria.

Da passagem de Guilherme d'Azevedo pelo *Diário da Manhã* dá acima conta no seu brilhante estylo, o grande escriptor que fundou e dirige esse jornal, e que fez d'elle com o seu talento enorme de jornalista, de litterato, de homem politico o primeiro jornal do nosso paiz.

O nome de Guilherme d'Azevedo, feito rapidamente com esses notabilissimos artigos, espalhou-se por todo o paiz; chegou ao Brazil e de lá, um dos primeiros jornaes do Rio de Janeiro, a *Gazeta de Noticias*, fêl-o seu folhetinista effectivo.

Por esse tempo Raphael Bordallo regressando da America fundou com Guilherme d'Azevedo um jornal de caricaturas.

Da colaboração d'esses dois excepcionaes artistas, da junção do talento colossal de Raphael Bordallo, e do espirito extraordinario de Guilherme d'Azevedo, sahio o *Antonio Maria*, um jornal que foi logo de principio uma potencia, e que teve o maior successo de que ha memoria no jornalismo portuguez.

A reputação de Guilherme d'Azevedo crescia de dia para dia, os seus artigos, os seus folhetins, as suas cartas eram lidas com avidéz por toda a gente, e um bello dia a *Gazeta de Noticias* propoz-lhe o ir ser seu correspondente para Paris.

Guilherme d'Azevedo accceitou; deixou a sua terra, a sua familia, os seus amigos e foi. Foi e nunca mais voltou!

O segredo da morte de Guilherme d'Azevedo, é um enigma indecifrável e incomprehensível, mesmo para aquelles, que mais de perto o conheceram e viveram com elle.

Guilherme d'Azevedo era coxo. Nunca ninguem soube como elle era coxo, e nunca ninguem se atreveu a fallar-lhe n'isso.

N'uma noite, no palco da Trindade, cremos que pela primeira e ultima vez Guilherme d'Azevedo ouviu fallarem-lhe na sua doença.

Nunca poderemos esquecer a transformação rapida, enorme, que se operou na cara d'elle. Guilherme estava traduzindo para a Trindade o verso d'uma opera de Lacôme, *Joanna, Joanninha e Joannica*:

Mas Guilherme era meridional, era preguiçoso, a traducção do verso francez é muito massadora, e elle demorava-a.

Na Trindade estava a fazer falta a letra para metter na musica; os ensaios estavam parados.

Nós entramos nos bastidores juntos. Francisco Palha, avista-o de longe, e vem direito a elle com aquella sua jovialidade alegre, com aquelle seu tom folgasão, que não o abandona nem nos muitos momentos de furia que tem no seu cubiculo de director tecnico da Trindade e diz-lhe rindo:

— Então quando me dá você os versos, seu coxo do diabo!

O Guilherme d'Azevedo teve um sorriso amarello, fez-se extraordinariamente pallido, balbuciou uma resposta qualquer.

D'ali a momentos procuramos Guilherme d'Azevedo. Tinha fugido dos bastidores da Trindade.

Era extraordinaria a preocupação que elle tinha com aquella perna coxa. Ninguem, nem o seu mais intimo amigo, penetrava o mysterio d'aquella enfermidade.

De noite, Guilherme d'Azevedo fechava-se por dentro, no quarto, para que ninguem lhe podesse ver a perna.

Agora em Paris desvendou-se o segredo da perna, mas o mysterio do silencio de Guilherme d'Azevedo continuou impenetravel e tomou umas cores tragicas.

Em pequeno Guilherme tivera um tumor na perna; os medicos operaram-n'o, mas enganaram-se no tratamento e a perna encolheu. D'ali a tempos no alto da perna, na coxa appareceram umas fistulas. Guilherme d'Azevedo nunca as mostrou a ninguem: as fistulas foram alastrando, tomaram proporções de chagas; e Guilherme sem consultar os medicos. Para que ninguem suspeitasse da existencia d'essas feridas, lavava no seu quarto, o sangue que ellas punham na roupa que vestia. E as chagas a augmentarem, a escancarem a carne, a ponto de já e ver o osso. E a gangrena a arroxear-lhe essas chagas, e o osso a carear, e a morte a approximar-se com agonias horriveis e Guilherme d'Azevedo a ser tratado pelos medicos de uma dispepsia primeiro, depois d'uma affecção pulmonar, e sem nunca mostrar as feridas que eram e que foram a sua morte.

Vão lá comprehender e explicar esta monomania, n'um espirito lucido claro, robustissimo como era o de Guilherme d'Azevedo.

Outra singularidade d'elle tambem inexplicavel era o cuidado, o recato de coquette, com que escondia a idade, elle que era tão despreoccupado de vaidades elegantes e que se ria tanto dos velhos que se pintavam!

Quando o sr. Candido de Figueiredo lhe pediu apontamentos para o seu interessante livro *Homens e letras* Guilherme deu-lhe como data do seu nascimento — 30 de novembro de 1846: em Paris quando recolheu á casa de saude teve de dar a idade, deu 33 annos, e é esta a idade que lá está no seu registo d'obito e na placa de cobre sobre o seu caixão no cemiterio de Saint Ouen.

E a verdade, segundo informações de pessoas de sua familia, é que Guilherme de Azevedo ti-

nha 43 annos, isto é nasceu em 30 de novembro de 1839.

Em Lisboa ninguem dizia ao vel-o, mas em Paris a doença, o soffrimento avelhantaram-n'o muito e tanto que o francez que lhe tirou a mascara de gesso, sob a direcção de Raphael Bordallo, não fazia senão dizer:

— *Pauvre vieux!*

Guilherme d'Azevedo não contava a ninguem as particularidades da sua vida, e da sua mocidade nunca fallou a um amigo. N'estas circumstancias é difficilimo, senão impossivel esboçar uma simples nota biographica. Guilherme d'Azevedo era natural de Santarem e o seu nome todo Guilherme Avelino d'Azevedo Chaves. Seu pae o sr. Felício Chaves era escrivão da administração, em que Guilherme foi algum tempo empregado, depois de estudar humanidades no lyceu de Santarem.

A sua entrada no jornalismo fel-a n'um jornal por elle fundado na sua terra chamado o *Alfageme* e de que sahiram alguns numeros.

Em 1867 publicou o seu primeiro volume de versos lyricos, *Apparições*, com uma carta prologo de Ernesto Marrecos. Em 1871 publicou segundo volume de versos, *Radiações da Noite*, em que já ha notaveis progressos sobre as *Apparições* e finalmente em 1874, publicou a *Alma Nova*, o livro d'um poeta moderno, que comecou a fazer a sua reputação e de que extrahimos as poesias que hoje damos n'este numero consagrado á sua memoria querida.

Juntamente com esses versos transcrevemos do *Diario da Manhã* as duas primeiras das oito cartas d'um Birman, faltando-nos o espaço para transcrevermos o *Cri-cri* do enterro do ministro da justiça, um dos *cri-cri*s que mais sensação produziu quando foi publicado em 1877 e que é realmente uma obra prima do genero.

Raphael Bordallo e Guerra Junqueiro os dois homens por quem Guilherme d'Azevedo tinha maior estima e admiração, pensam em colleccionar em volume todas as perolas que Guilherme espalhou prodigamente pelo jornalismo portuguez e brasileiro.

Uma vez Guilherme tentou o theatro com uma peça original em 4 actos o *Rosalino*, comedia e drama ao mesmo tempo, comedia extraordinaria e drama pungentissimo, que cahiu no theatro de D. Maria, á falta de *savoir faire* theatral.

Mais tarde, Guilherme d'Azevedo refundiou essa peça, tirou-lhe o elemento dramatico e fez d'ella uma *charge* immortal em 3 actos, que teve então um colossal exito de gargalhada no Porto e em Lisboa, e que é a epopéa da *betise* burgueza nacional.

Ha muito tempo já, Guilherme pensava em fazer com o typo do *Rosalino* um romance, infelizmente para elle e para a litteratura portugueza a morte não o deixou realizar esse plano.

Outra das excentricidades de Guilherme d'Azevedo foi nunca, depois de homem, ter querido tirar o retrato.

Como já dissemos no numero anterior, o retrato d'elle que hoje damos é feito de memoria por Bordallo Pinheiro, e só a memoria d'um grande amigo e o talento d'um grande artista, podiam substituir tão completamente o modelo ou a photographia.

Juntamente com o retrato, Raphael Bordallo honrou-nos com um excellente croquis: — o quarto de Guilherme d'Azevedo e o seu enterro.

A casa onde Guilherme vivia em Paris era no *boulevard* St. Germain n.º 88. Os aposentos do illustre e chorado escriptor compunham-se de uma sala e de uma saleta: a sala d'onde fizera escriptorio o sr. Lino d'Assumpção, a saleta que era ao mesmo tempo quarto de dormir e quarto de trabalho de Guilherme, e que a nossa gravura representa.

Era uma casa pequena, com uma cama, uma mesa cheia de jornaes portuguezes, brasileiros e francezes, e uma cadeira forrada de encarnado, em que Guilherme se sentava.

Nota original: no quarto não havia nenhum livro, a não ser uma immensidade de guias de Paris, immensidade que se explica pelo projecto que Guilherme tinha de fazer um guia pittoresco de Paris, illustrado por Bordallo Pinheiro.

A ausencia de livros era um *tic* especial de Guilherme d'Azevedo, que, fóra d'um ou dois auctores seus predilectos, não lia livro algum. Um d'esses auctores era Daudet, e Guilherme releu cinco ou seis vezes o *Fromont jeune*, pelo qual tinha uma verdadeira adoração.

Alphonse Daudet passava muito pelo bairro

onde Guilherme morava. Uma vez, pouco depois de chegar a Paris, Guilherme encontrou-o, fez-se vermelho como uma donzella ao avistar o seu namorado, e seguiu-o por coisa d'uma hora, parando onde elle parava, passando adiante para o ver melhor, adorando-o de longe como se fosse uma mulher querida.

Nos ultimos dias da sua doença, Guilherme d'Azevedo foi transportado para a casa de saude Dubois, no faubourg Saint Denis, uma casa de saude destinada a estrangeiros, e onde elle falleceu no quarto n.º 17.

No dia immediato ao seu transporte para ahí, Guilherme sentiu-se melhor, e fazia alegres planos de vir restabelecer-se para Lisboa.

Raphael Bordallo ia passar com elle todos os dias longas horas. No dia 5 não foi vel-o, porque andava em preparativos de partida, e no dia 6, dia em que tencionava partir para Lisboa, foi despedir-se d'elle ás 11 horas da manhã.

A criada da casa de saude não o queria deixar entrar no quarto, porque elle estava muito mal, mesmo muito mal, dizia ella.

Raphael entrou. Guilherme estava sósinho, agonizante. Já não fallava; e na casa de saude, considerando-o já morto, tinham-n'o deixado só. Elle, o desgraçado, olhou para Bordallo e conheceu-o: mas a falla perdera-a já. A agonia foi dolorosa: Guilherme, por espaço de uma hora, padeceu torturas horriveis, que se desenhavam nas contracções medonhas da sua physionomia. Minutos antes de expirar, porém, a sua physionomia serenou, o seu olhar teve a expressão tranquilla que tinha nos seus bons dias, quiz fallar e não pode. Era a visita da saude. D'ali a momentos, ao meio dia em ponto, Guilherme d'Azevedo expirava nos braços de Raphael Bordallo.

O enterro realisou-se no sabbado da Alleluia no cemiterio de Saint Ouen. Foi muito concorrido, mas coisa singular, assistindo a elle toda a colonia portugueza, grande parte da colonia brasileira residente em Paris, e muitos francezes, não appareceu um unico representante da legação ou do consulado portuguez!

Esta nota é bem frisante, parece-nos!

A nossa gravura representa o sahimento fúnebre, atravessando uma das ruas de Paris.

Abria o prestito um bedel de chapeo armado e calção e meia, seguiam-se-lhe o trem fune-nario todo coberto de negro, levando o corpo e as coroas de flores que os amigos de Guilherme tinham depositado sobre o caixão, depois outro bedel, seguindo-se-lhe o encarregado de dispor o enterro, que era o sr. Lino d'Assumpção, todos os amigos do fallecido a pé, e quatro carruagens de luto todas cobertas de crepes.

As coroas depositadas sobre o caixão eram uma de Raphael Bordallo, de perpetuas vermelhas e fitas azues e brancas, outra do jornal *Antonio Maria* de perpetuas roxas e fitas negras, outra da redacção do *Seculo*, perpetuas roxas e fitas vermelhas, outra da *Gazeta de Noticias* perpetuas amarellas e fitas amarellas e verdes, outra dos amigos de Guilherme residentes em Paris, de perpetuas roxas e fitas azues e brancas e outras ainda offerecidas individualmente por amigos do illustre escriptor.

Estas coroas ficaram depositadas na administração do cemiterio, excepto a offerecida pelo jornal *Antonio Maria* que ficou sobre a cabeceira da cova. E longe da patria Guilherme d'Azevedo teve ainda a felicidade de morrer nos braços d'um dos seus mais queridos amigos, e o seu corpo foi acompanhado á cova pelas lagrimas de amigos sinceros e dedicados!

Paz á sua querida e honrada memoria!

Gervasio Lobato.

CARTAS DE UM BIRMAN

Devemos ao obsequio de um amigo presadissimo o podermos offerecer aos nossos leitores algumas cartas, que um addido á embaixada birmanesa tem enviado de Lisboa para o seu paiz. Estas cartas, escriptas na propria lingua klaproth, são vertidas por um interprete para o inglez, e d'ahi trasladadas á nossa lingua. Acha-mol-as extremamente curiosas: estranhas nos detalhes e quasi extravagantes nas observações; por isso mesmo cremos que serão lidas com curiosidade.

I

Que Godama vele os vossos passos como o olho luminoso do tigre vigia á noite a clareira do palmar.

Hontem chegámos a esta cidade alegre do occidente, — Lisboa. A lua não tinha ainda desvelado a face amarellecida e nós eramos apenas allumiados pela claridade serena de centenaes



O QUARTO DE GUILHERME D'AZEVEDO EM PARIS — ENTERRO DE GUILHERME D'AZEVEDO
(Desenho original de R. Bordallo Pinheiro)

Car.º Alberto

Recebi a sua carta que me trouxe
noticias de vossa vida que me
gostei de ouvir e antes de mais
pensei as suas proposições de
entender os meus trabalhos
as graduações do sistema em
magistério. Porém saiba que
saiba tres vezes ^{mais} o que
de que e' a actualidade a situação da
patria.

Estava p' me mandar o artigo
do Offender de quando ca' me
apresentei o retrato. Não calculava
que talhe se me os meus
15 de corrente. Não fui no pro-
prio, sempre seria colaborador a
toda occasião da critica se não
com a minha pena as suas colu-
nas. Saiba que se não estou
Parisiense. Logo que for observado
do p' aqui e que se pretam co-

mo de carácter mais permanente para
depois continuarem livros.

Conte p' tanto com a vossa
a.º o dia 20 ou 22. creio que não
a tempo

Por aqui as publicações foram
gan e o commercio dos jornais de
tudo a ordem e' o seguinte. Elgros se
tanto de todo Paris sou de modo
muito mais os trabalhos, o que anda
com mais tanto de todo de jogos.

Continuo a mandar as
noticias suas. Elgros se he Toulon o
ponto de Norte e depois a continuação
he por e' bom que a gente mas por
ca de vista a politica. sejamos bom plus

Recomendamos a de todo
e todo os amigos e empregados a
todo os seus e creio me

Paris 12
Rua Cayas 16

Car.º Alberto
Guilherme d'Azevedo



BOM JESUS DO MONTE, EM BRAGA — ELEVADOR MECHANICO DESTINADO AO TRANSPORTE DOS VISITANTES DO SANTUARIO, VISTA DE FRENTE



VISTA DE PERFIL. — INAUGURADO EM 25 DE MARÇO DE 1882
(Segundo photographias da Casa Fritz)

de *phé si*, ou como aqui lhe chamam, *candieiros*. Já vos dei nas minhas anteriores cartas descrição completa das grandes linhas de ferro por onde correm, com a velocidade dos grandes pyrilmagos cinzentos que atravessam as planícies do Iraoudi, os *wagons* onde dormem os viajantes: o caminho até Lisboa, aproxima-se do grande rio sagrado de Portugal, o Tejo, que se parece na placidez da sua corrente com o Moo onde o *caire* faz reluzir ao sol as suas escamas de rubins! O *tolou*, ou governo de Portugal, tinha enviado ao nosso encontro um chefe do gabinete central das embaixadas o *gi glô*, conselheiro Marçal. Era a primeira physionomia portugueza em que nossos olhos se embriam como a vista do *pi a hu* na flor gloriosa da noite! o *gi glô*, ou mancebo da corte do *boé*, ou rei portuguez, adiantou-se ao nosso encontro, e, curvando a cabeça até aos pés, apresentou em nome do seu governo a estima em que tinha a nossa visita. Thiri Maha curvou também a fronte, não imprimindo todavia no enviado do *boé* portuguez, o beijo sagrado das lendas, receioso de assustar a candidez do *gi glô*, que na apparencia nos fazia lembrar as fôrmas graciosas e frageis das nossas virgens de Kuladyne.

Ao sairmos das salas do *caminho de ferro*, entramos nos mesmos grandes palanquins de rodas, que pela escuridão da noite não podemos ver se eram puxados pela força desconhecida do fogo, como os *wagons*, se por quaesquer animaes dos muitos que aos europeus servem para o transporte nas ruas das cidades, e que ora tomam o nome de *cavallos*, ora se chamam *burros* quando no seu instincto teimoso se assemelham á ignorancia e obstinação do homem.

No meio de um silencio profundo, como o das nossas antigas cidades de mortos, chegámos ao *hotel* ou palacio luzente de marmore que nos estava reservado. Atravessámos entre alas de naturaes do paiz, menos formosos comtudo de que o *gi glô* nosso guia, apresentando-se em signal de respeito todos vestidos de negro. A refeição da noite foi-nos servida em baixella de gala simples, e eu curvado pela fadiga da longa viagem recolhi ao *lay to*, (*apostento*) curvando a cabeça ante o Grande Poder, mais alto cem milhões de vezes do que o *Joumadoug*, reservando para amanhã, á luz consoladora de um novo dia, contar-vos os varios encantos d'esta cidade alegre e silenciosa como as margens do Aracau.

9 Fevereiro, 1877.

Mihri.

II

O palacio que o *tolou* (*governo*) nos offereceu para habitação é conhecido entre os naturaes do paiz pelo nome de *hotel*, que quer dizer na poetica linguagem portugueza: *encanto dos estrangeiros*. Fica situado no ponto mais central da cidade e é defronte d'elle que, ao meio dia, passam todas as principaes pessoas da corte que desejam ser admiradas pelos viajantes. O *hotel*, tem em todo o seu comprimento uma larga galeria guarnecida de grades de ferro d'onde se pôdem admirar sem perigo de queda as *pli rig*, (*damas*) que atravessam as ruas da cidade arrastando compridas faxas de tecido que lhes prende em volta da cintura, e olhando os homens com insistencia pertinaz. Algumas apresentam-se bisarramente vestidas, trajando da cintura para cima vestuario semelhante aos dos homens. A sua alvura é tão mortal que faz esquecer a da pallida flôr de arroz, aonde á noite no silencio sagrado do luar se balança o espirito perfumado de Mranná. Na cabeça ostentam ordinariamente uns pequeninos *si pla*, (*especie de turbante*) onde a phantasia dos artistas europeus se releva em todo o seu brilho, simulando, ora pequenos fructos vermelhos como o cato de Sittang, ora pequeninas aves côr de esmeralda que parecem querer voar na respiração que se exhala dos labios da noite até ao berço aljofarado de Godama.

As *pli rig* (*damas*), vivem quasi sempre reclusas, sequestradas do contacto do homem, com excepção dos dias consagrados ás divindades nacionaes. E' então que saem em multidão para a rua onde caminham, sempre vagarosamente, voltando-se a miudo a fim de mirarem as que lhes passam ao lado.

Os *di lid* (*homens*) trocam raras vezes palavras com ellas, limitando-se a seguil-as de longe, apoiados n'uma especie de pequeninas varas que lhes servem para apoiar o corpo e ao mesmo tempo afugentar os *cle pri* (*cães*), que de continuo perseguem os caminhantes desprevidos. Uns e outros param a miudo contemplando com olhar cheio de gulodice as grandes vidraças aonde se ostentam á vista dos caminhantes

as iguarias mais saborosas e os tecidos de filigrana e seda mais delicados.

As *si pal* (*creanças*) são todas creadas com torrões de assucar cristalizado e costumam ordinariamente, até aos 8 annos de idade, andar vestidas como os soldados e marinheiros. E' então que tomam os trajos proprios do seu sexo, passando a aprender o *piano*, que é um instrumento do feitio d'uma grande caixa, aonde á maneira d'uma enfiada de dentes de chagal existem umas pequeninas placas de marfim, as quaes ao pousar-se-lhe o dedo soltam uma doce melodia semelhante ás que as nossas violas exhalam á noite nos *kiouns*.

O *gi glô* Marçal veio hoje procurar Thiri Maha e convidal-o a passeio. Trajava da mesma fôrma que hontem, e a sua physionomia ainda nos pareceu mais bella vista á luz clara do dia.

O *gi glô* é um grande sabio do paiz, muito versado nas linguas orientaes, das quaes sabe muitas palavras em siamez. Gosa de grande consideração pela sua sabedoria, e é com certeza um dos portuguezes mais formosos. O seu nome Marçal quer dizer *mec ribi* (*mar soberano*) e indica a sua dignidade. No paiz chama-se Marçal todo o que é dado ás grandes aventuras.

O palacio luzente em que habitamos é um dos mais bellos da cidade, cheio de aposentos sumptuosos. Acham-se n'elle muitos naturaes do paiz que veem gosar dos divertimentos da corte do *boé*; costumam comer todos juntos, sentados em volta d'uma grande mesa e os seus manjares favoritos são o *bec* (*pão de ló*) e as laranjas.

A sombra da noite começa a vellar os meus olhos; amanhã vos contarei n'outra carta novos encantos d'esta bella cidade do occidente.

10 Fevereiro, 1877.

Mihri.

VELHA FARÇA

Rufa no longe um tambor. Dir-so-ia ser o arranco
D'um mundo que desaba; ahi vai tudo em tropel!
Vão ver passar na rua um velho saltimbanco
E uma fera que dança atada a um cordel.

O' funambulos vis, comediantes rotos,
O vosso riso alvar agrada á multidão!
E quando vós passaes o arcanjo dos esgotos
Atira-vos a flôr que mais encontra á mão!

Lá vai tudo a correr: são as grotescas danças
D'uns velhos animaes que já foram cruéis
E agora vão soffrendo os risos das creanças
E os apupos da turba a troco de dez réis.

Conta um velho histrião, descabellado e pallido,
Da fera sanguinaria o instincto vil e mau,
E vai chiboteando um urso meio invalido
Que lambe as mãos ao povo e faz jogo de pau.

Depois inclina a face e obriga a que lh'a beije
A fera legendaria olhada com pavor:
E uma deusa gentil, vestida de bareje,
Annuncia o prodigio a rufo de tambor!

E as mães erguem ao collo uns filhos enfezados
Que nunca tinham visto a luz dos europeus:
E aceresce á multidão a turba dos soldados,
— Ao ilota da cidade o escravo dos quartéis.

E o funambulo grita; impõe qual evangelho
A' turba extasiada a grande narração,
E sobre um cão enfermo um ourangotango velho
Passeia nobremente os gestos de tração.

Correi de toda a parte, aligeirae o passo,
Deixae a grande lida e vinde á rua ver
As preadas d'uma fera, as galas d'um palhaço,
E um arcanjo que sua e pede do beber!

A tua imagem tens ó povo legendario
No comico festim que mal podes pagar,
Pois tu ainda és no mundo o velho dromedario
Que a vara do histrião nas praças faz dansar.

FALA A ORDEM

Pequeno, d'onde vens cantando a MARSEJESA;
Da barricada infame, ou d'outra vil torpeza?

Que esplendido porvir! Do nada apenas sahes
Começas a morder as purpuras reaes
O' fillo trivial da livida canalha!...
E, vamos, deixa ver, guardaste uma navalha,?!
Não tremas que eu bem vi: que trazes tu na mão?
Intentas já limar as grades da prisão,
Fazendo scintillar um ferro contra o sollo
Archanjo que adejaes nos fumos do petroleo!...
Mas, vamos abre a mão: não queiras que eu te dê.
Bandido eu bem dizia! — a carta do A B C!...

Guilherme d'Azevedo.

CHRONICA OCCIDENTAL

A passagem rapida de Sarah Bernhard pelo palco portuguez é ainda o acontecimento dominante da semana, o caso commentado em todas as conversações particulares, o facto a que ainda se referem diariamente os jornaes portuguezes. Compreende-se perfeitamente isto. Sarah Bernhard que é sempre um acontecimento em Pa-

ris, não podia deixar de o ser, e dos mais memoraveis, n'uma terra pequena como a nossa, pouco visitada pelas grandes celebridades da arte contemporanea, e onde a vida propria é escassa em factos de sensação.

Quando escrevemos a nossa ultima chronica, acabava Sarah Bernhard de apparecer ao publico de Lisboa no palco do Gymnasio. Rapidamente, em duas linhas dissemos a funda impressão que nos causara essa artista excepcional, que tem alargado por todo o mundo a fama do seu nome radiante.

Hoje temos que dar conta das outras tres representações que Sarah Bernhard deu em Lisboa, e que trouxeram alvorçada toda a capital.

Nem por sombras tentaremos fazer a critica da illustre artista, que traz os seus pergaminhos de primeira actriz da França, chancellados pelos primeiros criticos do mundo.

Parece-nos profundamente comico estar d'aqui d'este canto da Europa, onde das grandes celebridades dos theatros europeus tem chegado apenas os echos, a procurar, n'uma unica audição de quatro peças, quasi todas do mesmo genero, e da mesma escola, emendar o juizo que de Sarah Bernhard tem feito os grandes criticos theatraes da França, que a tem acompanhado em toda a sua vida artistica, e seguido escrupulosamente todos os seus trabalhos.

Não embasbacamos diante dos elogios de qualquer critico estrangeiro, mas quando vemos uma actriz que é innegavelmente hoje a primeira da França, que tem atravessado triumphantemente a Europa e a America arrancando de todos os publicos as mais entusiasticas ovações, não entramos no theatro com o extranho ideal de ser mais esperto que o mundo inteiro, e de querer em quatro audições de peças diferentes, representadas com o pé no estribo, com uma companhia extremamente mediocre, desfazer uma reputação feita por longos annos de trabalho e de talento e reconhecida pelos primeiros criticos de todo o mundo.

Bem sabemos, que procurando bem, no coro de elogios entoado pela critica da Europa e da America a Sarah Bernhardt se encontram algumas notas discordantes; em toda a parte ha espiritos que procuram a distincção de desdenhar d'aquillo que todos admiram, a nota discordante aos hymnos triumphaes constituem mesmo uma especialidade de certos temperamentos, e por exemplo em Hespanha houve quem achasse detestavel Sarah Bernhardt no desempenho de Dona Sol do *Hernani*.

Ora eu tendo d'um lado a opinião d'um critico sobre a interpretação d'um personagem, e do outro lado a do poeta, que creou esse personagem, decido-me immediatamente por esta.

Pode-se discutir a criação do personagem de Dona Sol de Victor Hugo, isso é uma questão entre o critico e o poeta: a interpretação de Sarah Bernhardt, é indiscutivel, desde o momento em que Victor Hugo a achou completa. Sarah Bernhardt é a Dona Sol que o poeta imaginou: isto ninguem o pode dizer melhor do que elle. O trabalho da actriz é portanto completo, indiscutivel: boa ou má aquella Dona Sol é real e perfeitamente a Dona Sol creada por Victor: a actriz identificou-se completamente com o personagem; este pode ser discutido, aquella está fóra do dominio da discussão.

Não sei já muito bem a que proposito vem isto. Ah! a proposito das notas discordantes nos elogios a Sarah Bernhardt.

Ordinariamente esse trabalho é facil: o papel de eterno descontente custa pouco a representar e dá sempre certo tom: entretanto com respeito a Sarah Bernhardt é um pouco mais difficil, porque a accusação tem que apresentar provas, e essas provas tem escapado ás platéas e aos criticos mais difficeis.

Nós, pela nossa parte vimos a Sarah Bernhardt completamente despidos da toga de delegados do ministerio publico junto do tribunal da critica portugueza, e nunca actriz alguma nos produziu o deslumbramento que ella nos causou no segundo e terceiro acto da *Frou-frou*, no segundo, terceiro e quarto acto da *Sphynge*, nos tres actos da *Princesa Georges* e na *Dama das Camélias* em que já fallámos.

Nunca vimos representar assim; desconheciamos na voz humana, aquellas estranhas vibrações, como desconheciamos os segredos mysteriosos da linguagem do piano em quanto não tinhamos ouvido tocar Rubinstein; os nossos ideaes de suprema elegancia nunca os viramos assim humanizados, e todas as nossas pobres facultades de critico theatral dos mais insignificantes e humildes, diante de Sarah Bernhardt não souberam senão uma coisa: — admirar.

Pode muito bem ser que estajamos redonda-

mente enganados; não o discutiremos; temos muito mais que fazer que demonstrar que Sarah Bernhardt é uma grande actriz, e a nossa pena é que, em quanto nos não provarem o contrario, nós em vez de lermos essas provas, não a possamos ouvir a ella.

— O centenario do marquez de Pombal faz já andar as ruas da baixa em completa desordem. Por toda a parte se preparam os arcos e as illuminações: as conferencias succedem-se, os jornaes andam cheios de noticias das festas, e entretanto os clericos preparam-se para ir em romaria ao Sameiro.

Cada qual festeja o anniversario do grande estadista, a seu modo. Assim é que é.

No dia do centenario O OCCIDENTE consagra o numero proximo a essa solemnidade nacional e então fallaremos largamente de todas as festas com que Portugal honra a memoria do grande homem, que tão notavel nome deixou na historia patria.

— Não fallámos ainda d'um grande artista que esteve em Lisboa, o celebre Monastero, e dos concertos d'associação 24 de junho, por elle dirigidos.

Monastero é um artista notabilissimo e os seus concertos foram um regalo para os delicados; mas vieram em mau tempo, perderam-se no meio do grande ruido que se fez em torno da Sarah Bernhardt.

— Depois de Monastero veio a Lisboa outra notabilidade artistica, tambem de primeira ordem — e que ainda cá está — o harpista italiano Felice Lebrano.

Deu já um concerto na Trindade a que uma violenta constipação nos não deixou assistir; mas dizem-nos todos que é um artista *hors ligne*, e dil-o o seu nome glorioso no mundo artistico.

— Sarah Bernhardt abriu aos emprezarios de Lisboa o appetite das grandes celebridades, e a empreza de S. Carlos falla mais uma vez, mas com mais insistencia do que das outras, em trazer a Lisboa a Patti e o tenor Gayarre.

Será d'esta vez? Oxalá!

— Temos que terminar aqui a nossa chronica e pôr de parte outras noticias que tinhamos notadas. O actual numero do OCCIDENTE é consagrado á memoria de Guilherme d'Azevedo, e temos que ceder o espaço a essa sagrada e justissima homenagem ao illustre e querido escriptor que todos nós choramos. *Gervasio Lobato.*

O NOSSO SUPPLEMENTO

JESUS CHRISTO NO TUMULO
(Quadro de Joaquim Victorino Ribeiro)

Publicando hoje em supplemento a gravura do quadro do sr. Joaquim Victorino Ribeiro «Jesus Christo no Tumulo», cumprimos uma promessa que fizemos em o n.º 78 do OCCIDENTE, por occasião de publicarmos a gravura de um quadro do mesmo auctor intitulado «Uma martyr».

No artigo que acompanha essa gravura fez o nosso esclarecido collaborador o sr. Manuel Maria Rodrigues, a apreciação do artista, o que nos poupa agora a apresentação d'elle aos nossos leitores, para simplesmente nos referirmos á gravura do nosso supplemento.

O quadro apresenta a figura de Christo de tamanho natural, o desenho é correcto ainda que o braço que está estendido não tenha uma perfeita ligação com o tronco. A pintura é bastante vellada e fria, sem larguezas de pincel, o que simplesmente denota influencia de escola, sem por isso depreciar o merito do artista.

Devemos ainda notar a falta que ha na figura de Christo dos signaes do cravo na mão e da lançada no peito.

Este quadro esteve exposto no Salon de Paris de 1879 onde foi justamente apreciado e hoje pertence ao sr. visconde das Lorangeiras (Manuel).

Nós, sempre no empenho de tornar conhecidos os trabalhos dos artistas portuguezes, collocamos hoje na galeria do OCCIDENTE mais esta obra d'arte, que honra sobre modo o artista e a arte portugueza.

AS NOSSAS GRAVURAS

NO ALFEITE

O desenho do sr. Henrique Pinto é feito do natural.

O ponto escolhido é talvez dos mais pittorescos da margem esquerda do Tejo. As aguas do rio conservam ali a tranquillidade d'um lago. Sobre, á esquerda, um pequenino outeiro, coberto de verdura e encimado pela copa frondente dos

pinheiros. Ao fundo a paisagem estende-se n'uma collina, como que esfumada sob a intensidade crua d'um sol posto d'agosto.

N'este quadro de paisagem, em que o auctor revela um gosto delicado e uma execução esmerada, entrevê-se talvez uma tendencia para fugir á inspiração real do momento e um leve pendôr para um pouco de fantasia.

Em todo o caso, este trabalho confirma os creditos do seu auctor.

PLANO INCLINADO FUNICULAR

MONTE DO BOM JESUS

SUBURBIOS DE BRAGA

Está assente sobre os flancos da pittoresca montanha, onde a paixão do redemptor foi por mãos piedosas registada em numerosas capellas, onde os passos dolorosos da luta em favor do bem, do bello e do justo, estão ordenados segundo os grandiosos cantos que Jesus escreveu em letras de sangue no poema do seu divino sacrificio a favor da libertação humana.

Poucos devem ter sido aquelles que visitando o nosso formoso Portugal, nas estações em que a natureza se anima, quando o sopro perfumado e tepido da brisa beija as flores do valle, ou perpassa fremente pela folhagem da floresta; poucos devem ter sido os que não tenham cedido ao convite tentador de visitar este delicioso jardim de Armida, que se chama o Minho, e o seu recanto mysterioso e privilegiado que se intitula o Monte do Bom Jesus.

É um lugar encantador. Parece que a provincia zelosa da sua joia mais peregrina, desejava furtal-a ao goso do artista forasteiro, desviando a corrente que d'um modo directo se dirigia a Braga, caso não se tivesse estabelecido alguns kilometros a Sul na estação de Nine, o entroncamento da linha ferrea que atravessa o norte do paiz.

É comtudo tão notoria a reputação de encanto vinculada ao Bom Jesus do Monte, que nenhum *touriste*, estrangeiro ou viajante nacional, deixa de torcer o seu itinerario para visitar este sitio; e a maior parte seduzidos pelas bellezas que se lhe proporcionam, demoram-se tempos esquecidos quando apenas tencionavam descançar alguns instantes.

É que o Monte do Bom Jesus differe hoje inteiramente do que era alguns annos já passados.

As circumstancias naturaes no que tinham de grandioso conservam-se as mesmas; as suas aguas tão celebradas são ainda tão puras e crystalinas como d'antes eram; o ar oxygenado que banha a serra inteira fornece aos pulmões o mesmo elemento de vida e de saude, como até agora fornecia; porem o sacrificio que muitos faziam para gosar estes thesouros, eram prejudicados pela inferioridade de recursos e de commodidades que pelo contrario deviam emoldurar o quadro de vantagens que a natureza aqui lhes dispensava tão prodigamente. Era necessario que o devoto que viesse buscar aos pés do Bom Jesus do Monte, o consolo para as tribulações da alma, encontrasse no Monte do Bom Jesus o conforto para a saude, que o convidasse a aproveitar, o quanto possivel, os beneficios que se lhe proporcionavam.

Existem hoje estas condições de bem estar, e com as andorinhas e a primavera um bando gentil e alegre pousa no cimo da montanha, e lá se conserva feliz e satisfeito, enquanto que o tempo se não conspira para lhe fazer novamente levantar o vôo e despedir-se até á proxima estação, do lugar onde tantas saudades ficam espalhadas pelas flores do parque, e entre os carvalhos seculares do bosque.

Aos esforços de dois homens emprehendedores e intelligentes deve hoje o monte do Bom Jesus as causas vitaes que lhe garantem uma prospera existencia de futuro.

Ambos elles são bem conhecidos; e Braga presta-lhes o preito e a homenagem que aos bemfeitores do progresso é de direito e de dever prestar-se.

O primeiro é o sr. dr. Antonio Brandão Pereira, genio entusiasta e artista, dotado d'um profundo sentimento esthetico, e d'uma delicadissima critica em materia de gosto, e a quem o monte do Bom Jesus deve a completa transformação que o tornou o paraíso do Minho.

O segundo é o sr. Manoel Joaquim Gomes, o ousado iniciador do plano inclinado, que tanto facilitou o acesso a este paraíso, e que só, desa-

ajudado de quaesquer recursos materiaes alheios, teve sufficiente crença nos resultados da sciencia, e sufficiente amor e desinteresse pela sua patria para sacrificar-se no logar do supremo sacrificio, e levar ávante esta obra unica na peninsula.

Resumindo o prologo da historia do estabelecimento d'este plano, foi um primeiro projecto elaborado pelos habéis engenheiros Munhoz e Schiappa Monteiro; mas não sendo accete este projecto em attenção a determinadas questões economicas, foi entregue á *Agencia Industrial*, pertencente aos srs. Redpath & Kopke de Carvalho, o estudo d'um novo plano. O sr. Antonio Maria Kopke de Carvalho, engenheiro bem conhecido no paiz, estudou proficientemente a questão e aconselhou a adopção do systema já em uso no Gmssbach e de que é auctor o illustre engenheiro suizo Riggenbach, e estando ambos de accordo na questão technica, foi todo o material construido nas officinas do *Central Suizo*, tomando conta do estudo da linha e da direcção da sua construcção, o engenheiro Raul Mesnier, que a levou felizmente a cabo, inaugurando-se a linha a 25 de março do presente anno de 1882, com um entusiastico e numeroso concurso de espectadores.

Passando á descripção technica do systema, deixamos a palavra aos illustres engenheiros nomeados pelo governo portuguez para vistoriar o plano inclinado antes da sua abertura á circulação.

AUTO DE VISTORIA

FEITA AO PLANO INCLINADO AUTOMOTOR
CONSTRUIDO JUNTO AO SANCTUARIO

DO BOM JESUS DO MONTE, SUBURBIO DE BRAGA

Aos vinte dias do mez de março do anno de mil oito centos oitenta e dois pelo meio dia, no sitio do Bom Jesus do Monte, proximo á cidade de Braga, reuniram-se os engenheiros Henrique Guilherme Thomaz Branco, director das obras publicas do districto de Braga, Augusto Cesar Justino Teixeira, director da exploração dos caminhos de ferro do Minho e Douro, e Augusto Luciano Simões de Carvalho, director da construcção dos decimo oitavo e decimo nono lanços do caminho de ferro do Minho e da ponte internacional sobre o rio Minho, para o fim de, em conformidade com o despacho de quatorze do corrente, communicado n'esta mesma data aos referidos engenheiros, por officio da Direcção Geral de Obras Publicas e Minas, procederem ao exame do plano inclinado automotor alli construido por empreza particular e reconhecerem se está em circumstancias de ser aberto á circulação publica. E logo em seguida, dando principio ao trabalho da sua commissão, observaram que o principio fundamental do systema era o applicado com locomoção a vapor no caminho de ferro da Suiza, denominado de Rigi: dois carros conjugados por um cabo, sobem e descem alternada e simultaneamente em duas vias paralelas, assentes sobre um plano inclinado, havendo entre os carris de cada via e segundo o eixo um terceiro carril em forma de escada de mão, entre cujos degraus os carros em movimento vão introduzindo os dentes de duas rodas, collocadas do meio dos eixos das rodas ordinarias; o equilibrio e o movimento do systema são determinados pelo pezo da agua, que no alto do plano é adicionada ao carro descendente em tina tambem subjacente ao estrado. O plano inclinado, que vae em alinhamento recto desde um ponto proximo ao portal da antiga escadaria do Sanctuario até o adro da Igreja, vence uma altura de cento e dezesseis metros em duzentos e vinte metros de extensão horizontal por meio de traíneis, que attingem o maximo de quarenta e cinco centimetros por metro. A parte em aterro é fortificada transversalmente com maciços de alvenaria, que se succedem de quarenta em quarenta metros, e a parte em escavação é cortada em rocha dura de granito, na qual são pela maior parte engastadas as travessas da via. Entre uma e outra parte a via atravessa obliquamente a estrada ordinaria de acesso ao Sanctuario em passagem superior, constituida por solidas vigas de ferro laminado, ligadas de 15 a duas por fortes contraventamentos, encontradas inferiormente por maciços de alvenaria de cimento, cuja apparencia é de grande robustez, e livres superiormente para os effeitos de dilatação devidos á temperatura. A structura da via, cuja bitola é de um metro quatro centos trinta e cinco millimetros, é formada por travessas de carvalho po Gerez, espaçadas de metro a metro, e carris vignole de dezoito kilogrammas por metro corrente, fixados por escapulas, alternadamente por den-

tro e por fora da via de travessa para travessa, excepto na passagem dos maciços, em que a pregadura é dobrada. O escorregamento longitudinal da via, já prevenido pelos maciços de alvenaria e pelo engastamento das travessas na rocha, é ainda obstado por duas linhas de ferro em I—l deitado, as quaes reinam em toda a extensão por fora da via e ao lado de cada carril, fixas as travessas por meio de parafusos. O carril central, composto por duas peças de ferro em I—l postas de cutello com os rebordos para fora e reunidas pelos travessões d'entendamento, é exactamente segundo o modelo de Rigi. No ponto culminante, e sobre um maciço d'alvenaria de

que dá sem duvida a conveniente garantia de segurança.

Os travões, annexos ao carro, como já foi dito são dois: um, manual, a cargo do conductor do carro, actua sobre tambores juntos ás rodas centraes, anterior e posterior, por meio de cepos dentados, que se applicam sobre caneluras abertas nos mesmos tambores; o segundo automatico, actua do mesmo modo, sobre o tambor da roda anterior desde o momento em que cesse a tensão do cabo e deixe de funcionar o primeiro. Tanto o material fixo como o circulante provem das officinas de Oltem, na Suissa, dirigidas pelo habil e conhecido engenheiro Mr.

AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido, gratis a todos os actuaes srs. assignantes e correspondentes, um supplemento — Jesus Christo no Tumulo, quadro de J. Victorino Ribeiro.

Tambem tem direito a este supplemento e aos mais que se publicarem no corrente



No ALFEITE (Desenho do natural por Henrique Pinto)

sufficientes dimensões, gira a grande roldana, em cuja gola passa o cabo de ligação dos vehiculos, conforme a disposição geralmente adoptada nos planos auto-motores, excepto na parte relativa ao travamento do systema, que no Bom Jesus vae todo nos proprios vehiculos, servindo assim não só para moderar as velocidades nas condições d'andamento normal, mas tambem para obviar á queda em caso de ruptura do cabo.

O cabo é formado por sete feixes de fio de arame d'aço de dois millimetros de diametro, e cada feixe composto de desenove fios, o que para os cento trinta e tres fios de toda a trança dá a superficie de quatro centos e dezoito millimetros quadrados. A conjugação do cabo ao carro é obtida segundo a pratica americana, similhantemente do que vimos empregado na montagem do arco da ponte Maria Pia: as extremidades dos fios inflectidos, como nas escovas, e unidos por uma liga durissima de metal branco, formam um cone, o qual introduzido no orificio igualmente conico d'uma grossa chapa de engate, faz com que da tensão de cabo resulte um crescente apertamento. Suppondo a carga maxima de treze mil kilogrammas, correspondente ás circumstancias mais desfavoraveis, que provavelmente já mais concorreram na pratica, isto é, cinco mil kilogrammas do pezo do carro, cinco mil do pezo da agua, de que é capaz a tina, mil e quinhentos de pezo de vinte e cinco passageiros, para que são lotados os carros, e finalmente mil e quinhentos de peso do cabo; da maxima rampa de quarenta e cinco por cento resultaria para a componente paralela o valor de cinco mil oito centos e cincoenta kilogrammas, ou para o cabo um trabalho de quatorze kilogrammas por millimetro quadrado, inferior ao limite admittido mesmo para o arame de ferro, e seis vezes inferior ao exforço de ruptura, o

Riggembach, cujo nome ficou vinculado ao engenhoso e ousado commettimento de Rigi, e que tem construído e está construindo outros planos automotores semelhantes em condições mais e menos difficeis.

A comissão porém, não obstante serem reconhecidos o credito do constructor, a boa execução do material, e o cuidado com que são combatidos os effeitos da grande inclinação do plano; depois de ter feito funcionar o systema e de o ter experimentado pessoalmente n'uma viagem completa de ida e volta, a qual correu com toda a regularidade, não podia deixar de exigir uma prova indispensavel, tendente a demonstrar praticamente a efficacia do travão automatico, o qual só funciona em caso de sinistro. Para realizar esta prova foi travado e calçado o carro descendente no alto do plano, e por meio de um guincho e respectivos apparatus foi suspenso o carro ascendente sobre o mesmo plano e a cerca de trinta metros do tópo inferior. Deixando assim de funcionar o cabo de arame, e tomando conta do travão manual o sr. Raul Mesnier, encarregado dos trabalhos de construção, o qual espontaneamente e com toda a confiança se sujeitou a esta prova.

D'um só golpe foi cortada a corda do guincho, e o carro entregue a acção da gravidade. Immediatamente desceu o contrapezo do travão automatico e o carro a menos de um metro de distancia parou de repente. Esta experiencia realmente satisfatoria foi presenciada por grande numero de pessoas, que na occasião affluiram ao local. Parecendo, portanto que o plano inclinado automotor do Bom Jesus do Monte está em circumstancias de ser aberto á circulação publica, assim o declara a comissão....."

R. M.

anno, todas as pessoas que se subscreverem assignantes por um anno.

Para a venda avulso o preço do supplemento é de 400 réis, e com o periodico 500 réis, o numero só 120 réis.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Para velhaco velhaco e meio.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

SUPPLEMENTO AO N.º 121 DO OCCIDENTE

1 DE MAIO DE 1883

BELLAS-ARTES



JESUS CHRISTO NO TUMULO

QUADRO DE J. VICTORINO RIBEIRO, PERTENCENTE AO SR. VISCONDE DAS LARANGEIRAS

DESENHO DE M. DE MACEDO — GRAVURA DE ALBERTO

(Segundo uma photographia de Goupil)